

KATIANE APARECIDA DE JESUS SILVA

**A LUDICIDADE COMO ELEMENTO NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

GOIÂNIA

2026

KATIANE APARECIDA DE JESUS SILVA

**A LUDICIDADE COMO ELEMENTO NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de
avaliação parcial de Trabalho de
Conclusão de Curso, do Curso de
Pedagogia, da Escola de Formação de
Professores e Humanidades, da
Pontifícia Universidade Católica de
Goiás.

Professor Orientador: Me. JOSÉ DA ROCHA

GOIÂNIA

2026

KATIANE APARECIDA DE JESUS SILVA

**A LUDICIDADE COMO ELEMENTO NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de
Pedagogia, da Unidade Acadêmico-Administrativa de Educação da
Universidade Católica de Goiás.

Prof./a Orientador/a: Me. JOSÉ DA ROCHA

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____()

Prof./a Convidado/a: Me. POLLIANA PIRES DO CARMO ALVES ROCHA

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____()

Nota final: _____()

Goiânia, 15/06/2026

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e a oportunidade de concluir esta importante etapa da minha vida.

Dedico também à minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos, oferecendo amor, apoio, incentivo e compreensão durante toda esta caminhada. Vocês foram minha base e minha motivação para nunca desistir dos meus sonhos.

Esta conquista é dedicada a todos que acreditaram em mim e contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para superar cada desafio ao longo desta caminhada acadêmica, permitindo que este sonho se tornasse realidade.

Agradeço à minha família, pelo amor, apoio, compreensão e incentivo constante, especialmente nos momentos mais difíceis. Vocês foram essenciais para que eu continuasse firme em busca dos meus objetivos.

Ao meu orientador, pela dedicação, paciência e pelos ensinamentos compartilhados durante a elaboração deste trabalho.

Aos professores e colegas de curso, que contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica e pessoal.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta trajetória e contribuíram para a realização desta conquista.

"A atividade lúdica ocupa um lugar no espaço educacional infantil pois proporciona o desenvolvimento da aprendizagem, surgindo daí a necessidade da orientação do educador para tais processos de ampliação do conhecimento."(Tizuko Kishimoto, 2010)

RESUMO

O presente trabalho aborda a ludicidade como elemento fundamental para o desenvolvimento infantil, destacando a importância do brincar no processo de aprendizagem e na formação integral da criança. A pesquisa parte da compreensão de que as atividades lúdicas ultrapassam a ideia de simples entretenimento, constituindo-se como ferramentas pedagógicas capazes de favorecer o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico. Nesse sentido, o estudo discute como o brincar contribui para a construção da autonomia, da criatividade, da imaginação e das relações interpessoais na infância, além de analisar o papel do professor enquanto mediador das práticas lúdicas no ambiente escolar. Fundamenta-se nas contribuições teóricas de autores como Vygotsky (1998), Piaget (1976) e Kishimoto (2011), que reconhecem a ludicidade como aspecto essencial para o desenvolvimento humano e para a aprendizagem significativa. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, utilizando livros, artigos científicos e documentos oficiais relacionados à temática. A realização deste estudo justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões sobre a valorização do brincar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando que muitas práticas pedagógicas ainda privilegiam metodologias tradicionais e conteudistas. Conclui-se que a ludicidade constitui elemento indispensável para uma educação mais humanizada, participativa e significativa.

Palavras-chave: Ludicidade; Desenvolvimento Infantil; Aprendizagem.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1 – O Brincar Como Parte Do Desenvolvimento Da Criança	11
1.1 Conceito De Ludicidade E Infância	14
1.2 Dimensões Do Desenvolvimento E A Ludicidade Como Eixo Estruturante	19
1.3 Brincar Como Construção De Autonomia E Imaginação	25
Capítulo 2 – O Papel Do Professor Como Mediador De Práticas Lúdicas	31
2.1 Mediação Pedagógica	33
2.2 A Intencionalidade Nas Atividades Lúdicas	36
2.3 Formação Docente E Desafios	41
Considerações Finais	46
Referências	51

INTRODUÇÃO

A infância representa uma etapa fundamental da vida humana, marcada por descobertas, aprendizagens e pela construção das primeiras relações sociais e afetivas. Nesse período, a criança desenvolve habilidades essenciais que influenciarão sua formação intelectual, emocional e social ao longo da vida. Dentro desse contexto, o brincar ocupa uma posição central, pois constitui uma das principais formas de interação da criança com o mundo, permitindo que ela expresse sentimentos, construa conhecimentos e desenvolva sua criatividade de maneira espontânea e significativa. Conforme destacam Lira e Mendonça (2025), a ludicidade deve ser compreendida como parte essencial da infância, sendo responsável por favorecer experiências que contribuem diretamente para o desenvolvimento integral da criança.

Ao longo dos anos, diferentes pesquisadores passaram a reconhecer que o brincar não pode ser visto apenas como uma atividade recreativa ou como um momento de distração dentro do ambiente escolar. Pelo contrário, as práticas lúdicas assumem importante função pedagógica, uma vez que possibilitam a construção de conhecimentos, o fortalecimento das relações sociais e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais. Kishimoto (2011) afirma que os jogos, brinquedos e brincadeiras fazem parte da cultura infantil e constituem instrumentos fundamentais para o processo de aprendizagem, pois favorecem a imaginação, a comunicação e a interação entre as crianças.

Nesse sentido, a ludicidade ganha destaque dentro das discussões relacionadas à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente por contribuir para uma aprendizagem mais significativa e humanizada. Segundo Florindo et al. (2024), as atividades lúdicas ultrapassam o simples entretenimento, tornando-se ferramentas pedagógicas capazes de estimular diferentes dimensões do desenvolvimento humano. Ao brincar, a criança experimenta situações, cria hipóteses, resolve conflitos, desenvolve a linguagem e amplia sua compreensão acerca da realidade que a cerca, construindo conhecimentos de maneira ativa e participativa.

Além disso, o brincar exerce influência direta no desenvolvimento cognitivo, social, físico e afetivo da criança, favorecendo a formação de sujeitos mais autônomos, criativos e críticos. Vygotsky (1998) ressalta que a brincadeira possibilita à criança

alcançar níveis mais avançados de desenvolvimento, uma vez que, durante as atividades lúdicas, ela interage socialmente, utiliza a imaginação e amplia suas capacidades mentais. Para o autor, o brincar cria condições favoráveis para a construção da chamada zona de desenvolvimento proximal, permitindo que a criança aprenda por meio das interações e das experiências compartilhadas.

Da mesma forma, Piaget (1976) compreende o jogo simbólico como elemento essencial para a construção do pensamento e da inteligência infantil. Segundo o autor, ao brincar, a criança assimila a realidade aos seus próprios esquemas mentais, reorganizando experiências e atribuindo novos significados ao mundo ao seu redor. Assim, a ludicidade se apresenta como um importante caminho para o desenvolvimento da imaginação, da autonomia e da capacidade de resolução de problemas, contribuindo significativamente para o amadurecimento infantil.

Apesar da relevância das práticas lúdicas para o desenvolvimento da criança, ainda é possível perceber que muitas instituições de ensino mantêm práticas pedagógicas tradicionais e excessivamente conteudistas, nas quais o brincar ocupa posição secundária. Em diversos contextos escolares, o lúdico ainda é associado apenas a momentos de recreação, desvinculados dos objetivos educacionais. Conforme apontam Santos et al. (2022), essa visão reduzida compromete a construção de experiências significativas de aprendizagem, dificultando o desenvolvimento pleno das crianças e limitando as possibilidades de participação ativa no processo educativo.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental ampliar as discussões sobre a importância da ludicidade no ambiente escolar, especialmente na Educação Infantil, fase em que as experiências vividas possuem forte impacto no desenvolvimento humano. A escolha do tema “A ludicidade como elemento no desenvolvimento infantil” surgiu a partir da necessidade de compreender de que maneira o brincar contribui para a formação integral da criança e como as práticas pedagógicas podem utilizar o lúdico como ferramenta de aprendizagem. Além disso, a pesquisa justifica-se pela relevância de refletir sobre o papel do professor como mediador das atividades lúdicas e sobre a necessidade de construção de práticas educativas mais sensíveis às especificidades da infância (SILVA, 2025).

A realização deste estudo também se fundamenta na importância de

compreender que a criança aprende de maneira mais significativa quando participa ativamente das experiências educativas. Conforme estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o brincar constitui um dos direitos de aprendizagem da criança e deve estar presente de forma intencional na rotina escolar, favorecendo a convivência, a participação, a exploração, a imaginação e a construção do conhecimento. Dessa maneira, discutir a ludicidade significa refletir sobre uma educação mais humanizada, acolhedora e comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica. Para sua elaboração, foram utilizados livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas relacionadas à ludicidade, ao desenvolvimento infantil e à prática pedagógica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador analisar diferentes contribuições teóricas acerca de determinado tema, favorecendo a construção de reflexões críticas e fundamentadas sobre o objeto investigado.

Os referenciais teóricos utilizados nesta pesquisa estão fundamentados, principalmente, nas contribuições de Vygotsky (1998; 2001), Piaget (1976), Kishimoto (2011), além de autores contemporâneos que discutem a importância do brincar no processo educativo. Também foram considerados documentos normativos, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), que reconhecem a ludicidade como elemento essencial para o desenvolvimento e para a aprendizagem na Educação Infantil.

Dessa forma, o presente trabalho busca compreender a ludicidade como elemento indispensável no desenvolvimento infantil, destacando o brincar como prática fundamental para a aprendizagem, a socialização e a construção da autonomia da criança. Além disso, pretende-se discutir o papel do professor como mediador das práticas lúdicas, refletindo sobre a importância da intencionalidade pedagógica, da formação docente e da construção de ambientes educativos mais inclusivos, significativos e comprometidos com a valorização da infância (TEIXEIRA; SILVA, 2026).

CAPÍTULO 1 – O BRINCAR COMO PARTE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O brincar ocupa um lugar central no desenvolvimento infantil, sendo reconhecido por diferentes abordagens teóricas como uma atividade fundamental para a construção de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. No entanto, na contemporaneidade, observa-se uma crescente redução dos espaços e tempos destinados ao brincar, seja pela intensificação das rotinas escolares, pelo avanço das tecnologias digitais ou pelas transformações nas dinâmicas familiares e urbanas. Nesse contexto, emerge uma problemática relevante: em que medida o brincar tem sido valorizado como dimensão essencial do desenvolvimento da criança, e não apenas como atividade secundária ou recreativa? Problematicar essa questão implica compreender o brincar não apenas como entretenimento, mas como prática estruturante do desenvolvimento humano, atravessada por fatores culturais, sociais e educacionais. Assim, torna-se necessário refletir sobre o papel do brincar na infância e os impactos de sua limitação nos processos de aprendizagem e constituição subjetiva da criança.

Dessa forma, enxergar o ato de brincar como pilar do amadurecimento infantil exige, antes de tudo, admitir que a infância é uma fase única da existência, com lógicas muito particulares de pensamento, afeto e interação social. Durante muito tempo, essa etapa foi reduzida a um mero ensaio para a maturidade, visão que acabou por negligenciar a riqueza das vivências das crianças e a importância vital do lúdico. Atualmente, contudo, as pesquisas em educação e psicologia infantil consolidam uma perspectiva diferente: a criança é um indivíduo atuante, capaz de criar cultura e liderar seu próprio processo de descoberta. Nesse cenário, a brincadeira deixa de ser lazer para se tornar sua linguagem fundamental e ponte principal de conexão com o mundo ao redor (Lira; Mendonça, 2025).

Dentro dessa perspectiva, o ato de brincar abandona o estigma de simples passatempo ou tarefa menor para assumir o protagonismo nas discussões sobre o crescimento e a pedagogia para os pequenos. O lúdico se revela como o alicerce da jornada educativa, fundindo aspectos intelectuais, físicos, emocionais e relacionais, o que garante um aprendizado real que honra o tempo e as motivações de cada criança

(Florindo et al., 2024). Brincar, desse modo, estabelece-se como o idioma genuíno da meninice; é a ferramenta pela qual o indivíduo decifra a realidade, processa vivências, atribui significados e lapida habilidades essenciais para sua integração e existência no coletivo (Kishimoto, 2011).

Ao explorar a noção de ludicidade e seu vínculo com o universo infantil, percebe-se que ambos constituem fenômenos sociais, históricos e culturais em constante mutação através das épocas. O lúdico engloba jogos, vivências recreativas e o uso de objetos simbólicos imersos na fantasia, no entusiasmo e na convivência coletiva, firmando-se como um pilar cultural vital durante os primeiros anos de vida. Investigações atuais comprovam que tais experiências impulsionam o amadurecimento pleno do indivíduo, uma vez que permitem testar papéis sociais, exercitar a inventividade, externalizar emoções e consolidar saberes de maneira conectada com a realidade e dotada de sentido (Souza; Vieira; Panucci, 2024; Assunção et al., 2024).

Diante dessa ótica, o universo do brincar se estabelece como a engrenagem mestre na conexão entre as diversas camadas que moldam a evolução infantil. O vigor físico se fortalece através das dinâmicas de movimento inerentes às brincadeiras, responsáveis por refinar a agilidade motora, o equilíbrio, a noção de lateralidade e a consciência espacial. Ao mesmo tempo, a cognição é instigada quando a criança, imersa em cenários imaginários, testa suposições, desata nós lógicos, desenha estratégias e amplia tanto o seu repertório verbal quanto seu raciocínio simbólico. No campo coletivo, a ludicidade abre portas para a compreensão de limites, a prática da colaboração, o manejo de atritos e a germinação de vínculos de carinho. Por fim, no plano emocional, o brincar oferece um porto seguro para externar e digerir sentimentos, sendo vital para o amadurecimento da segurança pessoal e da harmonia subjetiva (Negrine, 1994; Salomão; Martini, 2007; Silva; Brito, 2025).

As contribuições da teoria histórico-cultural de Vygotsky solidificam a visão do brincar como motor essencial da evolução humana. Segundo o autor, o amadurecimento floresce nas trocas sociais mediadas pelos símbolos culturais, sendo a ludicidade o cenário ideal para a manifestação da zona de desenvolvimento proximal. Nesse intervalo, o pequeno executa tarefas e atinge níveis de compreensão que ainda lhe seriam inacessíveis de maneira isolada, dilatando suas competências

cognitivas e afetivas através da fantasia e do contato com o próximo (Vygotsky, 1998; 2001). Paralelamente, Piaget enfatiza a relevância do jogo simbólico na estruturação do raciocínio abstrato, pontuando que, no ato de brincar, a criança integra a realidade aos seus próprios esquemas mentais, impulsionando a inteligência e o poder de representação (Piaget, 1976).

Para além de fomentar o crescimento pleno, a brincadeira se revela como uma ferramenta vigorosa na edificação da autonomia e do repertório imaginativo. Ao mergulhar em vivências lúdicas, a criança é estimulada a exercer escolhas, definir rumos, elaborar normas e abraçar responsabilidades, moldando aos poucos sua aptidão para intervir no mundo de forma consciente. A autonomia, sob este ângulo, ultrapassa a mera independência motora; ela abarca o despertar do senso crítico, da proatividade e da segurança em si, elementos vitais na maturação de indivíduos protagonistas e capazes de reflexão (Lima, 2025; Pontes, 2025).

A fantasia, nesse contexto, assume um papel de extrema relevância no universo lúdico, brilhando especialmente nas dinâmicas simbólicas e no teatro do faz de conta. Ao projetar cenários, narrativas e personagens, o pequeno ressignifica o que vive, expande sua leitura da realidade e coloca a inventividade em movimento. Esse fluxo criativo está intrinsecamente ligado ao amadurecimento intelectual e afetivo, possibilitando que a criança mescle fragmentos do cotidiano de maneira original e confira novos sentidos às suas memórias e percepções (Kishimoto, 2011; Vygotsky, 2001).

No que tange às diretrizes educacionais do Brasil, o ato de brincar é validado como um direito fundamental e um pilar de sustentação da Educação Infantil. Tanto a Lei de Diretrizes e Bases quanto a Base Nacional Comum Curricular ratificam que a mediação pedagógica nesse estágio precisa honrar as particularidades da meninice, assegurando vivências lúdicas que impulsionem o crescimento pleno e o engajamento direto dos alunos em seu percurso de aprendizado (Brasil, 1996; 2017). Tais marcos normativos reiteram a urgência de estratégias de ensino que tratem o brinquedo e a brincadeira como fundamentos educativos, balizando o planejamento e a postura do professor.

A partir desse cenário, este capítulo dedica-se a examinar o brincar como um

elemento inseparável da evolução da criança, explorando as noções de ludicidade e infância, o vínculo entre o lúdico e as diversas esferas do progresso infantil, além da função desse ato na consolidação da autonomia e da inventividade. Ao cruzar aportes teóricos e regulamentações vigentes, pretende-se demonstrar que dar a devida importância à brincadeira é adotar uma postura educacional zelosa pela infância, voltada à formação holística do sujeito e à arquitetura de práticas escolares mais acolhedoras, substanciais e atentas às capacidades e anseios de cada criança.

Diante do exposto, evidencia-se que o brincar não se configura apenas como uma atividade acessória na vida da criança, mas como elemento constitutivo de seu desenvolvimento integral, articulando dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Ao longo dessa discussão, foi possível compreender que, por meio do brincar, a criança elabora experiências, constrói significados e se insere culturalmente no mundo que a cerca. Nesse sentido, para aprofundar a compreensão dessa prática e de seus desdobramentos no contexto infantil, torna-se necessário avançar na discussão acerca dos fundamentos que a sustentam. Assim, o próximo tópico dedica-se à análise do conceito de ludicidade e sua relação com a infância, buscando compreender como essa dimensão se constitui e se manifesta nos processos de desenvolvimento da criança.

1.1 Conceito de ludicidade e infância

Entender o conceito de ludicidade dentro do universo infantil requer a percepção de que ambos são construções históricas, sociais e pedagógicas que se entrelaçam no cotidiano da educação. A infância não deve ser vista apenas como um estágio de espera ou preparação para a maturidade; ela é, na verdade, um ciclo único do desenvolvimento, com lógicas próprias de pensamento, sensibilidade e ação. Sob esse olhar, a criança assume o papel de sujeito de direitos e criadora de cultura, sendo a protagonista de sua trajetória por meio, prioritariamente, do ato de brincar (LIRA; MENDONÇA, 2025).

A ludicidade engloba o universo das práticas e vivências ligadas aos jogos e brinquedos, movidas pelo prazer, pela imaginação e pela troca constante. Por muito tempo, essas interações foram subestimadas, vistas apenas como distração ou pausa para as tarefas tidas como "relevantes". No entanto, pesquisas atuais provam que o

lúdico é o pilar central do crescimento infantil, atuando como o elemento que estrutura o aprendizado e a formação completa do indivíduo (FLORINDO et al., 2024). Dessa forma, o brincar deixa de ser algo secundário para se tornar a linguagem essencial da criança. É através dele que ela externa sentimentos, processa experiências e interpreta o mundo ao seu redor. Nesse movimento de observar, mimetizar e inventar, a criança transforma a realidade, aprimora sua função simbólica e aprofunda sua leitura sobre o meio social e cultural onde vive (KISHIMOTO, 2011).

Complementando essa visão, Souza, Vieira e Panucci (2024) defendem que a ludicidade é uma ferramenta educativa de grande impacto, impulsionando as esferas social, emocional, intelectual e física. Para os estudiosos, o ato de brincar oferece um ambiente seguro e instigante para que os pequenos testem papéis sociais e consolidem saberes que realmente façam sentido, o que reafirma a centralidade dessa prática na Educação Infantil.

Conforme destacam Souza, Vieira e Panucci (2024, p. 1):

A ludicidade, mais que uma atividade de entretenimento, configura-se como um método educativo que favorece a aprendizagem e o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e motor, permitindo que a criança explore o mundo, interaja com outras pessoas e experimente diferentes papéis e situações de forma segura e prazerosa.

Florindo et al. (2024) corroboram essa compreensão ao afirmarem que a ludicidade ultrapassa o simples ato de brincar, constituindo-se como ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento de competências e habilidades. Para os autores, as experiências lúdicas possibilitam que a criança participe ativamente do processo educativo, promovendo aprendizagens contextualizadas e significativas.

Segundo Florindo et al. (2024, p. 659):

A ludicidade, que envolve o uso de jogos, brincadeiras e brinquedos, é um elemento fundamental no desenvolvimento infantil. Essas atividades vão além do simples entretenimento, servindo como ferramentas poderosas para promover a aprendizagem de maneira envolvente, divertida e eficaz.

A infância, vista como uma construção histórica e social, é foco de diversos estudos que mostram como a percepção sobre ser criança se transforma conforme a época e a cultura. Hoje, entende-se que a criança é um sujeito ativo, alguém capaz de gerar cultura e dar sentido próprio às suas vivências. Dentro dessa lógica, o brincar surge como a prática cultural mais vital desse período, sendo o caminho pelo qual os

pequenos se apropriam da realidade e moldam sua própria identidade (LIRA; MENDONÇA, 2025).

Salomão e Martini (2007) ressaltam que o ato de brincar é um pilar do crescimento infantil, justamente por permitir que a criança conecte emoções, raciocínio e convívio social em um único movimento. Para as estudiosas, a ludicidade ajuda a equilibrar o lado emocional, estimula a socialização e facilita a descoberta de novos saberes, o que prova seu imenso valor formativo. Já Assunção et al. (2024) reforçam que o universo lúdico ajuda a lapidar competências fundamentais para a vida toda, como o espírito cooperativo, a criatividade, a autonomia e a capacidade de resolver conflitos. Na visão dos autores, essas experiências fazem com que o aprendizado ocorra de modo fluido e leve, respeitando sempre o tempo e os interesses naturais de cada criança.

Essa visão do brincar como um direito inalienável também está enraizada nas leis que regem o ensino no Brasil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a Educação Infantil como o degrau inicial da Educação Básica, frisando que o trabalho pedagógico deve respeitar as características únicas dessa fase (BRASIL, 1996). Do mesmo modo, a Base Nacional Comum Curricular coloca o brincar como o eixo central do currículo, assegurando aos pequenos o direito pleno de conviver, participar, explorar, se expressar, se conhecer e, claro, brincar (BRASIL, 2017).

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), os momentos lúdicos são cruciais para o desenvolvimento humano integral, pois abrem portas para a troca social, a expressão de afetos e a construção do conhecimento. No texto, o brincar é tratado como uma prática que deve atravessar toda a rotina educativa, confirmando sua importância no planejamento dos professores.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky também traz luz à importância da ludicidade. Segundo ele, o progresso humano se dá nas trocas sociais, e o brincar é o terreno fértil para essa construção. A brincadeira estabelece o que ele chama de zona de desenvolvimento proximal, permitindo que a criança realize feitos e compreenda contextos que, sozinha, ainda não dominaria completamente (VYGOTSKY, 1998).

Conforme afirma Vygotsky (1998, p. 35): “O brincar é uma atividade humana

criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças.” Em outra análise, Vygotsky (2001) aponta que a imaginação nasce da bagagem social e cultural acumulada pela criança, sendo o ato de brincar o principal canal para misturar elementos do real de forma inventiva. Essa ideia reforça que o lúdico não é uma cópia simplista do cotidiano, mas sim um processo de criação e transformação constante da realidade.

Santos et al. (2022) ressaltam que a ludicidade, quando aliada às metodologias ativas, impulsiona o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, justamente por colocar a criança no centro de sua própria jornada formativa. Segundo os pesquisadores, o ato de brincar estimula a evolução da linguagem, do raciocínio e da convivência social, o que converge diretamente com os fundamentos da teoria vygotskyana. A visão construtivista de Piaget também traz subsídios valiosos para entender o papel do brincar nos primeiros anos de vida. Para ele, o jogo é um pilar no amadurecimento do pensamento simbólico, pois oferece à criança a chance de absorver a realidade e adaptá-la aos seus próprios esquemas mentais, facilitando a construção genuína do saber (PIAGET, 1976).

Do mesmo modo, Kishimoto (2011) reforça que o jogo, o brinquedo e a brincadeira são peças fundamentais da cultura própria da infância e precisam ser valorizados dentro das escolas. De acordo com a autora, o brincar abre canais para que a criança se expresse, se comunique e aprenda com sentido, sendo um elemento vital para uma pedagogia que respeite as características naturais dessa etapa do desenvolvimento.

Já Teixeira e Silva (2026) defendem que a ludicidade deve ser vista como a via principal para o conhecimento na Educação Infantil, gerando aprendizados muito mais profundos quando existe uma mediação intencional do professor. Para elas, o brincar não pode ser fruto do acaso ou do improviso; ele exige um planejamento consciente, que equilibre as metas pedagógicas com os desejos e as necessidades dos pequenos.

Nessa mesma linha, Teixeira, Campos e Carvalho (2025) explicam que o universo lúdico favorece o crescimento motor, físico e psicológico, o que prova sua

relevância no cenário educativo. Conforme os autores, são as vivências lúdicas que permitem ao aluno se conectar com o mundo de maneira vibrante e significativa. Nascimento et al. (2025) observa que a ludicidade funciona como um motor de motivação, transformando o ato de aprender em algo mais prazeroso e, conseqüentemente, mais eficaz. Para o grupo de autores, a brincadeira promove saberes mais sólidos e permanentes, desde que o educador atue como um mediador atento e consciente durante o processo.

Pontes (2025) acentua que a força da ludicidade no ensino-aprendizagem vem de sua capacidade de mobilizar a criança por inteiro, abraçando seus lados cognitivo, emocional e social. Na visão da autora, o brincar ajuda a moldar indivíduos mais críticos, inventivos e engajados com o meio em que vivem. Portanto, ao conectar o conceito de ludicidade à infância, fica evidente que o brincar é o coração do desenvolvimento infantil, atuando como prática cultural, linguagem nativa e o eixo que sustenta a Educação Infantil. Valorizar o lúdico significa adotar uma postura educacional mais humanizada e sensível, verdadeiramente comprometida com a formação integral da criança, como bem sustentam os teóricos e as normativas aqui analisados.

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que a ludicidade constitui uma dimensão intrínseca à infância, expressando-se nas formas pelas quais a criança interage com o mundo, atribui sentidos às suas experiências e constrói conhecimentos. Longe de se restringir ao caráter recreativo, a ludicidade revela-se como elemento fundamental na organização das vivências infantis, articulando aspectos simbólicos, sociais e culturais. Assim, ao reconhecer a centralidade da ludicidade na infância, torna-se necessário avançar na análise de como essa dimensão incide diretamente sobre os processos de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, o próximo tópico propõe discutir as diferentes dimensões do desenvolvimento e compreender a ludicidade como eixo estruturante dessas experiências, evidenciando suas contribuições para a formação integral do sujeito.

1.2 Dimensões do desenvolvimento e a ludicidade como eixo estruturante

O desenvolvimento das crianças é uma jornada complexa e repleta de facetas, abrangendo os lados físico, intelectual, social e emocional, que se conectam o tempo todo de maneira viva. Tais dimensões não evoluem sozinhas; na verdade, é a ludicidade que serve como o elo que une e impulsiona cada uma delas, tornando o aprendizado algo integrado e realmente profundo (NEGRINE, 1994).

No que diz respeito à parte física, as vivências lúdicas são essenciais para o amadurecimento motor, ajudando na coordenação, no equilíbrio e na forma como o pequeno percebe seu corpo e o espaço ao redor. Atividades que incentivam o movimento, o toque em objetos e a descoberta de novos ambientes são pilares para um crescimento vigoroso e para uma relação saudável da criança com seu próprio físico (TEIXEIRA; CAMPOS; CARVALHO, 2025).

Já na esfera cognitiva, o ato de brincar é um combustível para o pensamento lógico, a fala, a inventividade e a habilidade de encontrar saídas para desafios. Quando mergulha em jogos e dinâmicas lúdicas, a criança levanta hipóteses, traça planos e constrói saberes de modo protagonista, o que garante uma aprendizagem muito mais marcante e conectada com sua realidade (PONTE NETA et al., 2025).

A evolução social também ganha muito com as práticas lúdicas. É através da brincadeira que se aprende a dividir, a entrar em acordo sobre regras, a agir em conjunto e a entender o limite do outro. Essas trocas são fundamentais para criar laços de afeto e para cultivar habilidades de convivência que serão levadas para toda a vida em sociedade (SILVA; BRITO, 2025).

Por fim, no campo afetivo e emocional, o brincar abre uma janela para que a criança externar o que sente, aprenda a superar decepções e processe o que vive no dia a dia. Por meio do universo lúdico, especialmente nas brincadeiras de faz de conta, ela consegue dar novos sentidos ao cotidiano, fortalecendo sua autoestima e sua confiança emocional (LIMA, 2025).

Negrine (1994, p. 19 *apud* FLORINDO et al., 2024) afirma que:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e

que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis.

A citação evidencia que as atividades lúdicas ocupam um papel central no desenvolvimento integral da criança, ao reconhecer que as diferentes dimensões do desenvolvimento cognitiva, afetiva, motora e social não se constroem de forma fragmentada, mas de maneira interdependente. Ao brincar, a criança mobiliza simultaneamente a inteligência para resolver problemas e criar significados, a afetividade ao expressar emoções e estabelecer vínculos, a motricidade ao explorar o corpo e o espaço, e a sociabilidade ao interagir, negociar regras e compartilhar experiências. Nesse sentido compreender o brincar como prática pedagógica intencional implica reconhecer que ele favorece um desenvolvimento equilibrado e integrado, superando visões reducionistas que priorizam apenas aspectos cognitivos e reafirmando a criança como sujeito ativo, integral e social em seu processo de formação.

As reflexões trazidas por Vygotsky são indispensáveis para quem deseja entender o impacto real do brincar nesse trajeto. Segundo o teórico, o crescimento humano se consolida através das trocas sociais, e o universo lúdico funciona como um terreno fértil para que o saber floresça e para que se estabeleça a zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1998).

Conforme explica Vygotsky (1998, p. 35): “O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças.”

Somado a isso, Piaget ressalta que o ato de jogar é vital para o amadurecimento do raciocínio simbólico. É essa dinâmica que dá à criança a chance de absorver o mundo externo e adaptá-lo às suas estruturas mentais, o que impulsiona a construção do saber e da capacidade de representação simbólica (PIAGET, 1976).

Portanto, a ludicidade faz muito mais do que apenas caminhar ao lado do crescimento infantil; ela é o motor que o acelera. Ela se torna o pilar central de um ensino que enxerga a criança como um todo, honrando suas particularidades e seus talentos naturais (TEIXEIRA; SILVA, 2026).

A esfera física desse desenvolvimento está intimamente ligada ao mover-se,

ao equilíbrio, à destreza motora e à percepção do próprio corpo. O lúdico estimula essas conquistas ao oferecer vivências corporais ricas e variadas, como o ato de correr, saltar, girar, dançar ou manusear ferramentas e brinquedos. Na visão de Teixeira, Campos e Carvalho (2025), o brincar abre portas para que os pequenos descubram seu corpo e o ambiente que os cerca, o que favorece a evolução motora e o cultivo de uma autoimagem corporal positiva.

Além do mais, essas dinâmicas físicas ajudam a definir a lateralidade, o senso de direção e o domínio sobre os próprios gestos, elementos cruciais para a independência da criança. Tais vivências são valiosas não só para a estatura física, mas também para os campos intelectual e emocional, já que o corpo é o ponto de partida de toda interação da criança com o mundo (SALOMÃO; MARTINI, 2007).

Quanto ao lado cognitivo, a ludicidade exerce uma função mestre na formação do intelecto, da fala, da retenção de memória e da astúcia para superar desafios. Durante a brincadeira, a criança levanta dúvidas, experimenta caminhos, traça planos e produz conhecimento de forma engajada. Ponte Neta et al. (2025) apontam que as práticas lúdicas tornam o ensino de conceitos como numerais, escrita, formas e medidas muito mais eficiente, pois são introduzidos de maneira prática e cheia de sentido.

Nesse percurso, o ato de brincar permite que a criança conecte experiências prévias com novos dados, expandindo suas capacidades mentais. Seguindo o pensamento de Piaget (1976), o jogo facilita a integração da realidade aos modelos mentais da criança, o que beneficia o pensamento simbólico e o poder de abstração. Assim, o lúdico colabora para que o saber seja erguido de forma contínua, respeitando sempre o tempo de cada pequeno. O desenvolvimento social também encontra nas brincadeiras um solo bastante próspero. Ao interagir com seus pares, o indivíduo aprende a arte de conviver, a dividir, a pactuar regras, a honrar limites e a trabalhar em equipe. Essas trocas são o alicerce para a criação de laços afetivos e para o aperfeiçoamento de competências sociais fundamentais para a vida em coletividade (SILVA; BRITO, 2025).

Segundo Silva e Brito (2025, p. 192):

As atividades lúdicas tornam o aprendizado mais dinâmico e atrativo,

incentivando a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico dos estudantes, funcionando como elo entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais na educação infantil.

O brincar coletivo possibilita à criança compreender normas sociais, lidar com conflitos e desenvolver atitudes de empatia e respeito ao outro. Essas experiências contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes, cooperativos e participativos, evidenciando o caráter socializador da ludicidade (LIRA; MENDONÇA, 2025). No campo afetivo e emocional, a ludicidade permite à criança expressar sentimentos, elaborar vivências e lidar com emoções como alegria, medo, frustração e ansiedade. Por meio do brincar, especialmente nas brincadeiras simbólicas e de faz de conta, a criança ressignifica experiências do cotidiano e encontra formas seguras de compreender o mundo emocional (LIMA, 2025).

Florindo et al. (2024) ressaltam que a afetividade está diretamente relacionada ao processo de aprendizagem, sendo indissociável do desenvolvimento cognitivo. Para os autores, as atividades lúdicas criam ambientes acolhedores e estimulantes, nos quais a criança se sente segura para explorar, experimentar e aprender.

Nesse sentido, Negrine (1994, p. 19 apud FLORINDO et al., 2024) afirma:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky fornece bases essenciais para que possamos entender a ludicidade como o verdadeiro pilar do desenvolvimento. Na visão do autor, a evolução humana é fruto direto das trocas sociais, ocorrendo sempre com a mediação da cultura e da fala. Nesse cenário, o ato de brincar dá origem à chamada zona de desenvolvimento proximal, o que permite que o pequeno realize tarefas e compreenda lógicas que ainda não alcançaria se estivesse agindo sozinho (VYGOTSKY, 1998).

Segundo Vygotsky (1998, p. 96): “É brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entra em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.”

Essa perspectiva deixa claro que o brincar vai muito além de um simples reflexo do estágio em que a criança se encontra; ele é, na verdade, o motor que a faz avançar. Ao encarnar diferentes personagens, respeitar normas de jogo e trocar experiências com seus pares, a criança absorve saberes e expande seus horizontes intelectuais, sociais e afetivos (VYGOTSKY, 2001). Santos et al. (2022) ressaltam que, quando a ludicidade se une às metodologias ativas, o aprendizado na Educação Infantil ganha uma força extraordinária, pois coloca a participação da criança em primeiro plano e respeita sua bagagem de vida. Para esses estudiosos, a brincadeira impulsiona a fala, o senso crítico e a convivência, o que está em total harmonia com os fundamentos vygotskyanos.

As diretrizes legais que conduzem o ensino no Brasil também colocam a ludicidade como o eixo central do crescimento infantil. A Base Nacional Comum Curricular enfatiza que as vivências lúdicas devem estar presentes em todas as ações pedagógicas da primeira etapa escolar, assegurando que o direito de brincar e de aprender por meio das interações seja respeitado (BRASIL, 2017). De acordo com a BNCC, o trabalho educativo precisa focar na formação completa do aluno, conectando os campos de experiências e olhando atentamente para os desejos, ritmos e talentos de cada um. Nesse panorama, o brincar assume o papel principal, servindo como o ponto de encontro onde todas as áreas do desenvolvimento se integram com profundidade e sentido (BRASIL, 2017).

Nascimento et al. (2025) reforçam que a ludicidade funciona como o grande combustível da motivação, tornando o cotidiano escolar muito mais atraente e proveitoso. Na visão dos autores, quando o educador intervém com propósito e clareza, o ato de brincar abre caminho para conhecimentos que se consolidam de maneira muito mais forte e permanente. Pontes (2025) aponta que a importância do lúdico no ensino está na sua capacidade única de abraçar a criança por inteiro, unindo o raciocínio, o sentimento e o convívio. Para a autora, a brincadeira é o que ajuda a formar pessoas mais questionadoras, criativas e presentes na realidade em que vivem.

Portanto, entender como as dimensões do desenvolvimento infantil se entrelaçam com a ludicidade exige que reconheçamos o brincar como a espinha dorsal da Educação Infantil. Ao unir o movimento do corpo, o esforço da mente, a

força da emoção e o valor das relações, o lúdico constrói uma escola mais humana, sensível e focada no desenvolvimento pleno de cada criança, tal como sustentam os autores e documentos aqui citados.

Diante das reflexões apresentadas acerca das dimensões do desenvolvimento infantil e da ludicidade como eixo estruturante, evidencia-se que o brincar atua como elemento integrador dos aspectos físico, cognitivo, social e afetivo, promovendo um desenvolvimento articulado e significativo. Conforme destaca Negrine (1994), essas dimensões não se desenvolvem de forma isolada, mas de maneira interdependente, sendo a ludicidade o elo que as conecta. Nesse processo, ao mobilizar o corpo, a imaginação, as emoções e as interações sociais, a criança passa a exercer escolhas, experimentar possibilidades e atribuir sentidos às próprias ações, construindo progressivamente sua autonomia (LIMA, 2025; PONTES, 2025). Assim, compreender o brincar como eixo do desenvolvimento conduz, de forma natural, à discussão sobre seu papel na construção da autonomia e da imaginação, elementos que emergem diretamente das vivências lúdicas integradas e que serão aprofundados no próximo tópico.

Dessa forma, o presente capítulo evidenciou que o brincar se configura como um elemento central e indissociável do desenvolvimento infantil, atravessando todos os aspectos discutidos ao longo dos tópicos. Ao compreender a ludicidade como linguagem própria da infância, foi possível destacar seu papel estruturante nas dimensões física, cognitiva, social e afetiva, bem como sua relevância na construção da autonomia e da imaginação da criança (KISHIMOTO, 2011; FLORINDO et al., 2024). Sustentado por aportes teóricos e pelos documentos normativos que orientam a Educação Infantil no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o capítulo reafirma que o brincar vai além do entretenimento, constituindo-se como prática pedagógica intencional e potente para a promoção de aprendizagens significativas. Nesse sentido, valorizar o lúdico implica reconhecer a criança como sujeito ativo, histórico e social, assumindo uma perspectiva educativa comprometida com a formação integral, humanizada e sensível desde os primeiros anos de vida (VYGOTSKY, 1998; LIRA; MENDONÇA, 2025).

Dando continuidade à discussão sobre a ludicidade e suas implicações no desenvolvimento infantil, torna-se pertinente aprofundar a análise de como o brincar

contribui para a constituição de aspectos fundamentais da subjetividade da criança. Entre esses aspectos, destacam-se a autonomia e a imaginação, dimensões que se desenvolvem de forma articulada nas experiências lúdicas. Nesse sentido, o brincar ultrapassa a função de entretenimento, configurando-se como espaço de experimentação, criação e tomada de decisões. Assim, o próximo tópico propõe discutir o brincar como construção de autonomia e imaginação, evidenciando como essas dimensões são favorecidas e ampliadas nas práticas lúdicas vivenciadas pela criança.

1.3 Brincar como construção de autonomia e imaginação

O brincar constitui-se como um dos principais meios pelos quais a criança constrói sua autonomia e desenvolve a imaginação, elementos fundamentais para sua formação integral. Na Educação Infantil, o brincar possibilita que a criança atue de forma ativa em seu processo de desenvolvimento, tomando decisões, fazendo escolhas, criando regras e experimentando diferentes formas de agir no mundo. Dessa maneira, a autonomia não é compreendida apenas como independência funcional, mas como capacidade progressiva de pensar, agir e posicionar-se de forma consciente e participativa (LIMA, 2025).

A construção da autonomia ocorre a partir das experiências vividas pela criança em contextos significativos, sendo o brincar um espaço privilegiado para esse processo. Ao participar de atividades lúdicas, a criança é desafiada a resolver problemas, negociar conflitos, lidar com limites e assumir responsabilidades, desenvolvendo autoconfiança e senso de iniciativa. Segundo Pontes (2025), a ludicidade favorece a formação de sujeitos críticos e participativos, pois envolve a criança de maneira integral, respeitando seus tempos, interesses e possibilidades.

Nesse contexto, o brincar rompe com práticas educativas centradas apenas na transmissão de conteúdos, permitindo que a criança seja protagonista de suas aprendizagens. Florindo et al. (2024) destacam que, por meio da ludicidade, as crianças desenvolvem habilidades essenciais para a vida, como a capacidade de resolver problemas, trabalhar em grupo, tomar decisões e expressar sentimentos, o que contribui diretamente para o fortalecimento da autonomia.

Conforme afirmam Florindo et al. (2024, p. 657):

Por meio da ludicidade, as crianças não só se divertem, mas também adquirem habilidades relevantes para a vida. Elas aprendem a resolver problemas, a trabalhar em equipe, a expressar suas emoções e a desenvolver sua autonomia.

A imaginação, por sua vez, ocupa lugar central nas experiências lúdicas, especialmente nas brincadeiras simbólicas e de faz de conta. Nessas situações, a criança cria cenários, inventa histórias, atribui novos significados aos objetos e assume diferentes papéis sociais, ampliando sua compreensão da realidade. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, pois permite à criança representar o mundo de forma simbólica e criativa (KISHIMOTO, 2011).

Segundo Piaget (1976), o jogo simbólico é essencial para o desenvolvimento do pensamento representativo, pois possibilita à criança assimilar a realidade aos seus esquemas mentais. Ao brincar, a criança reorganiza suas experiências, constrói significados e amplia sua capacidade de abstração, aspectos indispensáveis para a construção do conhecimento.

Também a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky contribui de forma significativa para a compreensão da relação entre brincar, imaginação e autonomia. Para o autor, a imaginação é uma função psicológica superior, construída a partir das interações sociais e das experiências culturais vividas pela criança. O brincar possibilita a combinação criativa de elementos da realidade, permitindo que a criança vá além do que vivencia no cotidiano imediato (VYGOTSKY, 2001).

De acordo com Vygotsky (1998, p. 35): “O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças.”

Nesse sentido, o brincar não se limita à reprodução da realidade, mas envolve criação, transformação e ressignificação. Ao brincar, a criança experimenta papéis sociais, compreende normas, elabora conflitos e expressa sentimentos, fortalecendo sua subjetividade e sua identidade. Santos et al. (2022) destacam que a ludicidade, associada a metodologias ativas, potencializa a aprendizagem ao considerar a criança

como sujeito ativo do processo educativo.

A autonomia também se desenvolve quando a criança se sente acolhida e respeitada em seus modos de agir e pensar. Ambientes educativos que valorizam o brincar favorecem a participação, a curiosidade e a iniciativa infantil, criando condições para que a criança explore, experimente e aprenda com maior segurança. Segundo Nascimento et al. (2025), a ludicidade atua como elemento motivador da aprendizagem, tornando o processo educativo mais prazeroso e significativo.

Conforme afirmam Nascimento et al. (2025, p. 548): “A ludicidade se apresenta como uma ferramenta essencial para tornar a prática educativa mais prazerosa e eficaz, promovendo aprendizagens mais profundas e duradouras, desde que mediada de forma intencional pelo educador”.

Nesse processo, o papel do educador é fundamental. Cabe ao professor planejar e mediar experiências lúdicas que estimulem a autonomia e a imaginação, respeitando o ritmo, os interesses e as necessidades das crianças. Teixeira e Silva (2026) ressaltam que a ludicidade, quando utilizada de forma consciente, contribui para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento integral da criança.

Somado a isso, os marcos regulatórios que balizam a Educação Infantil reforçam o quanto o ato de brincar é vital para que a autonomia e a imaginação floresçam. A Base Nacional Comum Curricular sinaliza que o fazer pedagógico precisa assegurar aos pequenos o direito pleno de brincar, participar, explorar e se expressar, fomentando saberes que olhem para a criança em sua totalidade (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, a brincadeira se consolida como o motor principal na arquitetura da autonomia e da inventividade infantil, ajudando a moldar indivíduos críticos, criativos e aptos a trocar experiências reais com o mundo. Tratar o lúdico como a espinha dorsal do ensino infantil exige adotar uma postura educacional que enalteça a infância, honre as fases do desenvolvimento e gere aprendizados que façam sentido de verdade, conforme sustentam os teóricos e textos normativos aqui explorados.

O brincar exerce uma função indispensável na conquista da autonomia, pois dá à criança a liberdade de fazer escolhas, bater o martelo em decisões, inventar normas e testar variadas maneiras de se posicionar diante da vida. Quando brinca, o pequeno

assume as rédeas de sua trajetória, cultivando sentimentos de autoconfiança, proatividade e senso de responsabilidade (LIMA, 2025).

Vale ressaltar que a autonomia não brota do nada; ela é fruto das trocas e das chances geradas no ambiente de ensino. O universo lúdico oferece um porto seguro para que a criança investigue possibilidades, valide ideias e encare obstáculos, o que acaba por fortalecer sua habilidade de agir de modo lúcido e engajado (PONTES, 2025).

A imaginação também detém um papel de destaque nas vivências lúdicas, brilhando especialmente nos jogos de faz de conta. Nessas dinâmicas, a criança projeta cenários, cria narrativas e veste diferentes papéis sociais, o que alarga sua leitura de mundo e apura tanto a criatividade quanto o raciocínio simbólico (KISHIMOTO, 2011).

Vygotsky (2001) aponta que a imaginação é uma engrenagem psicológica mestre, lapidada no convívio social, e que o brincar permite ao indivíduo mesclar pedaços da realidade de forma original, impulsionando tanto o amadurecimento intelectual quanto o equilíbrio emocional.

Conforme ressaltam Florindo et al. (2024, p. 657):

Por meio da ludicidade, as crianças não só se divertem, mas também adquirem habilidades relevantes para a vida. Elas aprendem a resolver problemas, a trabalhar em equipe, a expressar suas emoções e a desenvolver sua autonomia.

O papel do educador, nesse contexto, é fundamental, pois cabe a ele planejar e mediar experiências lúdicas intencionais, criando ambientes ricos em possibilidades de aprendizagem. A ludicidade, quando integrada de forma consciente à prática pedagógica, torna o processo educativo mais significativo e humanizado (NASCIMENTO et al., 2025).

Segundo Nascimento et al. (2025, p. 548):

A ludicidade se apresenta como uma ferramenta essencial para tornar a prática educativa mais prazerosa e eficaz, promovendo aprendizagens mais profundas e duradouras, desde que mediada de forma intencional pelo

educador.

Desse modo, o brincar ultrapassa a concepção de simples entretenimento, constituindo-se como elemento central na formação integral da criança. Ao favorecer a autonomia e a imaginação, o lúdico contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de interagir de forma significativa com o mundo, reafirmando seu lugar essencial na Educação Infantil (BRASIL, 2017).

Ao longo deste capítulo, buscou-se evidenciar que o brincar ocupa um lugar central no desenvolvimento infantil, configurando-se como a principal forma de expressão e aprendizagem da criança na Educação Infantil. Compreendida como uma construção histórica, social e cultural, a ludicidade revela a infância como uma fase singular da vida, na qual a criança atua como sujeito ativo, produtor de cultura e protagonista de suas experiências (KISHIMOTO, 2011; LIRA; MENDONÇA, 2025). A análise das dimensões do desenvolvimento permitiu compreender que os aspectos físico, cognitivo, social e afetivo se constituem de maneira integrada, sendo o brincar o elemento que articula essas dimensões e possibilita vivências significativas e coerentes com as necessidades infantis (NEGRINE, 1994; SALOMÃO; MARTINI, 2007).

Nesse sentido, ao avançar para a discussão sobre o brincar como espaço de construção da autonomia e da imaginação, tornou-se evidente que as experiências lúdicas favorecem a tomada de decisões, a criatividade, a expressão de sentimentos e a compreensão das relações sociais, contribuindo para a formação de sujeitos mais confiantes, críticos e participativos (PIAGET, 1976; VYGOTSKY, 1998; LIMA, 2025). Amparado pelos aportes teóricos e pelos documentos legais que orientam a Educação Infantil, especialmente a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), este capítulo reafirma que o brincar vai muito além do entretenimento, constituindo-se como uma prática pedagógica intencional e indispensável para a promoção do desenvolvimento integral e para a construção de uma educação mais sensível, humanizada e comprometida com a infância.

Após a análise do brincar, da ludicidade e de suas contribuições para o desenvolvimento infantil, torna-se necessário avançar na discussão, considerando o papel dos sujeitos que organizam e potencializam essas experiências no contexto educativo. Nesse sentido, destaca-se a atuação do professor, cuja mediação é

fundamental para a qualificação das práticas lúdicas e para a ampliação das possibilidades de aprendizagem das crianças. Ao compreender o brincar como um elemento pedagógico, o docente assume a função de criar, orientar e ressignificar situações que favoreçam o desenvolvimento integral. Assim, o capítulo dois propõe discutir o papel do professor como mediador de práticas lúdicas, analisando suas contribuições, desafios e implicações no processo educativo.

CAPÍTULO 2 - O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DE PRÁTICAS LÚDICAS

A compreensão do professor como mediador das práticas lúdicas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental constitui um dos pilares para a efetivação de uma pedagogia centrada no desenvolvimento integral da criança. Conforme discutido no capítulo anterior, o brincar não é uma atividade acessória, mas sim estruturante do processo educativo, o que exige uma atuação docente intencional, reflexiva e fundamentada teoricamente. Nesse contexto, o professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e assume o papel de organizador de experiências significativas de aprendizagem, nas quais o lúdico se apresenta como linguagem e estratégia pedagógica (SILVA, 2025).

A mediação docente, nesse cenário, implica compreender que o brincar, quando inserido no espaço escolar, deve ser planejado, contextualizado e articulado aos objetivos educacionais. Isso significa reconhecer que as práticas lúdicas possuem potencial formativo, mas que esse potencial só se concretiza quando há intervenção pedagógica qualificada. Assim, a atuação do professor consiste em transformar situações espontâneas em experiências educativas intencionais, promovendo aprendizagens significativas e respeitando as especificidades do desenvolvimento infantil (SILVA et al., 2025).

É fundamental perceber que a mediação pedagógica vai muito além da técnica; ela exige do educador uma sensibilidade aguçada para acolher as diversas maneiras de aprender e as subjetividades de cada estudante, principalmente quando lidamos com o desafio da inclusão. Quando o professor escolhe integrar o lúdico em sua prática, ele não está apenas "brincando", mas sim abrindo portas para uma participação real e significativa. Essa abordagem transforma a sala de aula em um espaço genuinamente democrático e humano, onde o acolhimento se torna a base para que cada aluno consiga trilhar seu próprio caminho de desenvolvimento com justiça e equidade (SANTOS, 2025).

Dessa forma, discutir o papel do professor como mediador das práticas lúdicas implica analisar não apenas as metodologias utilizadas em sala de aula, mas também os saberes docentes, a intencionalidade pedagógica e os desafios enfrentados na construção de práticas educativas significativas. A mediação pedagógica exige

planejamento, observação, escuta sensível e capacidade de intervenção, de modo que o professor consiga transformar o brincar em uma experiência de aprendizagem capaz de favorecer o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e cultural das crianças (DELFINO et al., 2025).

Dentro desse cenário, fica claro que a prática educativa não pode ser mecânica; ela deve, obrigatoriamente, brotar de uma visão de infância que enxergue a criança como um verdadeiro sujeito histórico e social, alguém que participa ativamente da produção do próprio saber. Sob essa ótica, cabe ao educador o papel de articular situações onde os alunos não sejam meros espectadores, mas protagonistas que exercitem sua curiosidade e autonomia de forma prática. Quando o brincar é conduzido com uma intenção pedagógica clara, ele permite que os pequenos deem sentido real às suas vivências, consolidando competências fundamentais para um crescimento que seja, de fato, pleno e integral (SILVA, 2025).

É preciso considerar, ainda, que o desenvolvimento de propostas lúdicas no cotidiano escolar exige do educador um exercício constante de autocrítica e reflexão, indo muito além da simples aplicação de atividades. Esse profissional deve estar disposto a olhar para sua própria prática, ajustando rotas e estratégias sempre que perceber as flutuações e demandas que surgem da turma. Afinal, a mediação pedagógica jamais deveria ser vista como um processo automático ou engessado; ela depende de um olhar sensível e de uma maleabilidade necessária para abraçar as diversas realidades que coexistem na sala de aula. Sob essa perspectiva, o professor se consolida como a peça-chave na fundação de um território educativo onde a troca, o diálogo genuíno e o protagonismo infantil são, de fato, colocados em primeiro plano (SANTOS, 2025).

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de formação docente voltada para a compreensão do lúdico como recurso pedagógico. Muitos professores ainda enfrentam dificuldades para integrar as práticas lúdicas ao currículo escolar de forma intencional, seja pela ausência de formação específica, seja pelas limitações estruturais existentes nas instituições de ensino. Nesse sentido, torna-se fundamental refletir sobre os desafios da prática docente e sobre a importância da formação continuada para o desenvolvimento de metodologias que valorizem o brincar como elemento constitutivo do processo educativo (SILVA et al., 2025).

Diante disso, este capítulo busca discutir a atuação do professor como mediador das práticas lúdicas, abordando a mediação pedagógica, a intencionalidade nas atividades lúdicas e os desafios relacionados à formação docente. A partir dessas discussões, pretende-se compreender como a ação do professor pode potencializar as experiências de aprendizagem das crianças, contribuindo para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e humanizada (SANTOS, 2025).

2.1 Mediação pedagógica

A mediação pedagógica deve ser compreendida como o verdadeiro pilar que sustenta o processo de ensino-aprendizagem, ganhando um relevo ainda maior quando entrelaçada às vivências lúdicas na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Ao adotar esse olhar, percebemos que o docente abandona aquele antigo papel de mero transmissor de informações para se colocar como um parceiro presente e ativo na jornada de descoberta do saber. É nesse fazer compartilhado com os alunos que se torna possível catalisar interações realmente profundas e significativas, aquelas que respeitam e impulsionam o amadurecimento da criança em todas as suas dimensões, garantindo uma formação que seja verdadeiramente integral (SILVA, 2025).

Aprofundar o olhar sobre a mediação pedagógica exige o reconhecimento de que o aprendizado jamais se consolida em um vácuo ou de maneira solitária; ele floresce, na verdade, através das trocas sociais e do conjunto de experiências pulsantes que compõem o cotidiano escolar. Dentro dessa dinâmica, o docente deixa de ser um executor de tarefas para se tornar o grande articulador do percurso educativo, estruturando cenários e momentos de descoberta que consigam, de fato, despertar o interesse genuíno, a inventividade e a capacidade de autogestão dos próprios alunos. Conforme destacado nos estudos analisados:

A mediação pedagógica se configura como uma ação intencional do professor que visa promover o desenvolvimento da criança por meio de intervenções planejadas, nas quais o educador organiza, orienta e acompanha as atividades, possibilitando que o aluno construa conhecimentos a partir de suas experiências e interações sociais. Nesse processo, o docente deixa de ser apenas transmissor de conteúdos e passa a atuar como facilitador da aprendizagem, criando condições para que o aluno se desenvolva de forma ativa e significativa (SILVA et al., 2025, p. 1).

Essa concepção evidencia que a mediação pedagógica exige intencionalidade

e planejamento, não sendo um processo espontâneo ou aleatório. O professor precisa conhecer o desenvolvimento infantil, bem como as especificidades de sua turma, para propor atividades que realmente contribuam para a aprendizagem. Nesse sentido, o lúdico surge como um importante aliado, pois possibilita que a criança aprenda de forma prazerosa e significativa (SANTOS, 2025).

O uso das práticas lúdicas, quando mediado adequadamente, amplia as possibilidades de aprendizagem, permitindo que a criança explore, experimente e construa conhecimentos de maneira ativa. No entanto, é fundamental que o professor compreenda que o brincar, por si só, não garante aprendizagem, sendo necessária sua intervenção pedagógica. Conforme evidenciado:

O brincar, quando inserido no contexto escolar de forma planejada e mediada, torna-se um recurso pedagógico fundamental, pois permite que a criança desenvolva habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Contudo, é imprescindível a atuação do professor como mediador, orientando as atividades e propondo desafios que estimulem o pensamento crítico e a construção do conhecimento, garantindo que o lúdico não se restrinja apenas ao entretenimento (SANTOS, 2025, p. 2).

A mediação pedagógica, nesse contexto, contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem dinâmico e participativo, no qual os alunos são incentivados a interagir, dialogar e compartilhar experiências. Essas interações são fundamentais para o desenvolvimento social e emocional das crianças, favorecendo a construção de valores como respeito, cooperação e empatia (SILVA, 2025).

Além disso, a mediação pedagógica desempenha um papel essencial no desenvolvimento cognitivo, pois estimula o raciocínio, a resolução de problemas e a criatividade. Ao propor atividades desafiadoras e instigantes, o professor contribui para que os alunos desenvolvam habilidades essenciais para sua formação. Nesse sentido, destaca-se que:

A atuação do professor como mediador das práticas lúdicas possibilita a ampliação das capacidades cognitivas dos alunos, uma vez que, por meio de intervenções intencionais, o docente incentiva a reflexão, a investigação e a resolução de problemas. Dessa forma, o processo de aprendizagem torna-se mais significativo, pois o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico (SILVA et al., 2025, p. 2).

Outro aspecto relevante da mediação pedagógica refere-se ao desenvolvimento da linguagem. Durante as atividades lúdicas, as crianças têm a

oportunidade de se expressar, dialogar e construir significados, sendo papel do professor estimular essas interações. Ao fazer perguntas, incentivar a participação e valorizar as falas dos alunos, o docente contribui para o desenvolvimento da oralidade e da capacidade comunicativa (DELFINO et al., 2025).

Vale destacar que a mediação pedagógica mantém um vínculo intrínseco com o amadurecimento das competências socioemocionais no ambiente escolar. É dentro da vivência das brincadeiras e das dinâmicas lúdicas que os pequenos se deparam com o exercício real de respeitar normas, processar frustrações e superar pequenos obstáculos cotidianos. Nesse cenário, a intervenção do docente torna-se o suporte essencial para que tais momentos não sejam apenas entretenimento, mas oportunidades sólidas de aprendizado emocional, onde o professor atua como o guia que ajuda a criança a decifrar e organizar esses sentimentos complexos. Conforme apontado:

As práticas lúdicas mediadas pelo professor favorecem o desenvolvimento socioemocional das crianças, pois proporcionam situações em que elas precisam interagir, respeitar regras e lidar com diferentes emoções. Nesse contexto, o educador desempenha um papel fundamental ao orientar essas experiências, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes, autônomos e capazes de conviver em sociedade (SANTOS, 2025, p. 3).

O planejamento é outro elemento essencial da mediação pedagógica. O professor precisa organizar suas ações de forma intencional, definindo objetivos claros e selecionando estratégias adequadas para alcançá-los. Esse planejamento deve considerar as características da turma e as necessidades dos alunos, garantindo que as atividades sejam significativas e coerentes com o processo de aprendizagem (SILVA et al., 2025).

A observação também se destaca como uma prática fundamental para a mediação pedagógica. Ao acompanhar as atividades dos alunos, o professor pode identificar avanços, dificuldades e potencialidades, ajustando suas intervenções conforme necessário. Essa postura reflexiva permite que o docente avalie continuamente sua prática e busque aprimorá-la (DELFINO et al., 2025).

Não se pode deixar de lado, também, a relevância de se projetar um cenário de aprendizagem que seja, ao mesmo tempo, um refúgio acolhedor e um convite constante à descoberta. O território da escola precisa ser pensado para pulsar

interação, dando vazão à inventividade e ao desejo de explorar o mundo, com uma organização que realmente coloque o progresso da criança no centro de tudo. Sob esse prisma, o educador se torna o arquiteto de uma atmosfera pedagógica que não apenas tolera o lúdico, mas que efetivamente celebra o brincar como uma linguagem vital, validando sua importância em cada canto da rotina escolar (SANTOS, 2025).

A mediação pedagógica também contribui para a inclusão, uma vez que permite que o professor adapte suas práticas às diferentes necessidades dos alunos. Ao considerar as individualidades e respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança, o docente promove uma educação mais equitativa e acessível (SILVA et al., 2025). Além disso, a mediação pedagógica favorece o desenvolvimento da autonomia, pois incentiva os alunos a participarem ativamente das atividades, tomando decisões e assumindo responsabilidades. Esse processo é fundamental para a formação de sujeitos críticos e conscientes (SILVA, 2025).

Assim, destaca-se que a mediação pedagógica exige formação, comprometimento e reflexão por parte do professor. Não se trata de uma prática automática, mas de uma ação intencional que demanda conhecimento teórico e sensibilidade para compreender as necessidades dos alunos. Assim, a formação continuada se torna essencial para o aprimoramento da prática docente (DELFINO et al., 2025).

Dessa forma, a mediação pedagógica se configura como um elemento essencial para a efetivação das práticas lúdicas no contexto escolar, contribuindo para uma aprendizagem significativa, inclusiva e humanizada. Ao atuar como mediador, o professor potencializa o desenvolvimento integral da criança, transformando o brincar em uma experiência educativa rica e transformadora (SANTOS, 2025).

2.2 A intencionalidade nas atividades lúdicas

A intencionalidade nas atividades lúdicas constitui um elemento essencial para que o brincar, no contexto escolar, ultrapasse a dimensão do entretenimento e se consolide como prática pedagógica significativa. Nesse sentido, a ação docente precisa estar fundamentada em objetivos claros e bem definidos, de modo que as brincadeiras e jogos sejam planejados com vistas ao desenvolvimento integral das crianças. A intencionalidade pedagógica implica compreender que toda atividade

proposta deve possuir uma finalidade educativa, ainda que mediada por experiências prazerosas e espontâneas (SILVA, 2025).

O brincar, por si só, é uma atividade inerente à infância, sendo uma forma natural de expressão e aprendizagem. No entanto, quando inserido no ambiente escolar, ele precisa ser ressignificado a partir de uma perspectiva pedagógica, na qual o professor atua como mediador e organizador das experiências. Assim, a intencionalidade se manifesta no planejamento das atividades, na escolha dos recursos e nas intervenções realizadas durante o processo de aprendizagem (SANTOS, 2025).

Nesse contexto, destaca-se que:

A intencionalidade pedagógica nas práticas lúdicas consiste na organização consciente das atividades pelo professor, com objetivos previamente definidos, visando promover o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e motor das crianças. Não se trata apenas de propor brincadeiras, mas de compreender o potencial educativo de cada atividade, direcionando-a de forma que contribua para a construção do conhecimento e para a formação integral do aluno (SILVA et al., 2025, p. 2).

A presença da intencionalidade permite que o professor transforme o brincar em uma ferramenta de aprendizagem, articulando teoria e prática de maneira coerente. Dessa forma, as atividades lúdicas deixam de ser vistas como momentos isolados ou desvinculados do currículo, passando a integrar o planejamento pedagógico de forma sistemática e significativa (SILVA, 2025).

Pode-se observar também que a intencionalidade nas atividades lúdicas está diretamente relacionada ao desenvolvimento de competências e habilidades. Ao propor jogos e brincadeiras com objetivos definidos, o professor contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da linguagem, da criatividade e das habilidades socioemocionais. Nesse sentido, o lúdico se torna um meio eficaz para promover aprendizagens diversificadas e contextualizadas (SANTOS, 2025).

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de compreender o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. A intencionalidade pedagógica não significa controle rígido das atividades, mas sim a criação de situações que possibilitem a participação ativa das crianças. Conforme evidenciado:

A prática lúdica intencional não anula a espontaneidade do brincar, mas a

orienta para fins educativos, permitindo que a criança participe de forma ativa e significativa do processo de aprendizagem. O professor, nesse contexto, atua como mediador, observando, intervindo e propondo desafios que estimulem o desenvolvimento das capacidades infantis (SANTOS, 2025, p. 3).

A observação é um elemento fundamental para a efetivação da intencionalidade nas atividades lúdicas. Ao acompanhar as brincadeiras, o professor pode identificar os interesses, as dificuldades e as potencialidades dos alunos, ajustando suas intervenções conforme necessário. Essa prática possibilita uma atuação mais consciente e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças (DELFINO et al., 2025).

A intencionalidade também se manifesta na organização do ambiente educativo. O espaço deve ser planejado de forma a favorecer a interação, a exploração e a criatividade, disponibilizando materiais variados que estimulem o brincar. A disposição dos recursos e a forma como são apresentados às crianças influenciam diretamente na qualidade das experiências vivenciadas (SILVA et al., 2025).

É preciso dar um destaque especial, também, ao elo inseparável que existe entre a intencionalidade do educador e o seu planejamento pedagógico. Afinal, a prática docente ganha sentido quando o professor se debruça sobre sua realidade para traçar metas bem fundamentadas para cada proposta, sempre lançando um olhar atento às particularidades e ao ritmo próprio daquela turma específica. Contudo, esse roteiro não pode ser um trilho engessado; pelo contrário, ele deve ter a maleabilidade necessária para respirar junto com o cotidiano, abrindo espaço para ajustes e manobras que acompanhem o desenrolar das vivências e os sinais que os próprios estudantes emitem durante o percurso (SILVA, 2025). Nesse sentido, ressalta-se que:

Planejar atividades lúdicas com intencionalidade pedagógica requer do professor conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, bem como a capacidade de articular objetivos de aprendizagem às práticas propostas. Dessa forma, o lúdico deixa de ser uma atividade improvisada e passa a integrar o currículo escolar de maneira estruturada e significativa (SILVA et al., 2025, p. 3).

Essa intencionalidade nas atividades lúdicas também contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos. Ao participar de brincadeiras orientadas, as crianças aprendem a tomar decisões, resolver problemas e assumir responsabilidades. Esse processo é fundamental para a formação de sujeitos críticos

e conscientes, capazes de atuar de forma ativa na sociedade (SILVA, 2025).

Além disso, as práticas lúdicas intencionais favorecem o desenvolvimento das habilidades sociais, como cooperação, respeito e empatia. Durante as brincadeiras, as crianças interagem entre si, aprendendo a lidar com regras, conflitos e diferentes pontos de vista. O professor, nesse contexto, desempenha um papel fundamental ao orientar essas interações e promover um ambiente de respeito e inclusão (SANTOS, 2025).

Não se pode ignorar, sob outra vertente essencial, como a avaliação da aprendizagem se entrelaça com esse fazer pedagógico. Ter uma intencionalidade clara oferece ao docente as ferramentas necessárias para monitorar o amadurecimento dos estudantes de maneira ininterrupta, desviando o olhar da fixação apenas nos resultados finais para valorizar a riqueza contida em cada etapa do percurso de descoberta. Nesse sentido, o olhar atento sobre o desenrolar das dinâmicas lúdicas acaba por revelar pistas valiosas e detalhes sutis sobre o avanço de cada criança, o que permite ao professor lapidar suas mediações e realizar intervenções que sejam, de fato, personalizadas e assertivas (DELFINO et al., 2025).

A intencionalidade também está relacionada à inclusão, uma vez que permite que o professor adapte as atividades às diferentes necessidades dos alunos. Ao considerar as individualidades e respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança, o docente promove uma educação mais equitativa e acessível (SILVA et al., 2025).

Nesse contexto, destaca-se que:

A intencionalidade nas práticas lúdicas contribui para a construção de uma educação inclusiva, ao possibilitar a adaptação das atividades às necessidades dos alunos, garantindo que todos tenham acesso às oportunidades de aprendizagem. O professor, ao planejar e mediar essas práticas, promove um ambiente de respeito às diferenças e valorização da diversidade (SANTOS, 2025, p. 4).

A formação docente é outro elemento fundamental para a efetivação da intencionalidade nas atividades lúdicas. O professor precisa estar preparado para planejar, executar e avaliar suas práticas de forma consciente e reflexiva. Nesse sentido, a formação continuada se apresenta como um importante instrumento para o aprimoramento da prática pedagógica (DELFINO et al., 2025).

É preciso compreender, ainda, que a intencionalidade pedagógica não se encerra na técnica, pois ela demanda do professor uma postura profundamente ética e um compromisso genuíno com o outro. Isso significa olhar com zelo para as individualidades de cada aluno, validando a bagagem de vida que eles trazem e zelando pela criação de um espaço de aprendizado que seja, ao mesmo tempo, um porto seguro e um terreno fértil para a curiosidade. Quando o educador se posiciona dessa forma, ele permite que se teçam laços de confiança verdadeiros um alicerce que é, sem dúvida alguma, o coração de qualquer processo educativo que pretenda ser transformador (SILVA, 2025).

É necessário considerar, também, a necessária costura entre o saber teórico e o fazer prático no cotidiano escolar. A intencionalidade que guia as atividades lúdicas não deve surgir do acaso, mas precisa estar profundamente ancorada em um repertório sólido sobre o desenvolvimento infantil e as principais correntes das teorias da aprendizagem. É justamente essa ponte constante entre o pensamento e a ação que assegura que as escolhas pedagógicas do docente não sejam apenas intuições passageiras, mas sim práticas dotadas de coerência, robustez e uma eficácia que realmente alcance o estudante em sua totalidade (SILVA et al., 2025).

A utilização de diferentes recursos didáticos também contribui para a efetivação da intencionalidade pedagógica. Jogos, brincadeiras, histórias e tecnologias digitais podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais dinâmico e envolvente. No entanto, é fundamental que esses recursos sejam utilizados de forma planejada e alinhada aos objetivos pedagógicos (SANTOS, 2025).

Faz-se necessário pontuar que quando a intencionalidade guia o fazer pedagógico lúdico, abrem-se caminhos para a construção de aprendizagens que realmente façam sentido para a criança. Isso acontece porque o lúdico permite que os conteúdos curriculares deixem de ser abstrações distantes e passem a ser trabalhados de forma viva, encontrando âncoras na realidade e nas vivências concretas dos estudantes. Esse movimento de aproximação entre o saber e o mundo real é o que permite que o aprendizado não seja apenas memorizado, mas sim internalizado de maneira profunda, passando a reverberar como algo genuinamente relevante e duradouro na formação do aluno (SILVA, 2025).

Por fim, destaca-se que a intencionalidade nas atividades lúdicas não elimina o caráter prazeroso do brincar, mas o potencializa como instrumento educativo. Ao planejar e mediar essas atividades, o professor transforma o lúdico em uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral da criança (SANTOS, 2025).

Dessa forma, a intencionalidade pedagógica se configura como elemento essencial para a utilização das práticas lúdicas no contexto escolar, garantindo que o brincar seja incorporado de forma significativa ao processo de ensino-aprendizagem. Ao atuar de forma consciente e planejada, o professor contribui para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de construir conhecimentos de maneira ativa e reflexiva (SILVA et al., 2025).

2.3 Formação docente e desafios

A formação docente constitui um dos elementos centrais para a efetivação de práticas pedagógicas significativas, especialmente quando se trata da mediação do lúdico no contexto escolar. A atuação do professor como mediador das aprendizagens exige não apenas domínio de conteúdos, mas também conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento infantil, as teorias da aprendizagem e as metodologias que favorecem a construção do conhecimento. Nesse sentido, a formação inicial e continuada se apresenta como um fator determinante para a qualidade das práticas educativas (SILVA, 2025).

A complexidade do trabalho docente evidencia que ensinar não se resume à transmissão de conteúdos, mas envolve uma série de competências que precisam ser desenvolvidas ao longo da trajetória profissional. Entre essas competências, destaca-se a capacidade de planejar, mediar, avaliar e refletir sobre a própria prática. No contexto das atividades lúdicas, essas habilidades se tornam ainda mais relevantes, uma vez que o professor precisa compreender o potencial educativo do brincar e utilizá-lo de forma intencional (SANTOS, 2025).

Nesse sentido, os estudos analisados apontam que:

A formação docente deve contemplar não apenas os conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de aplicá-los na prática, especialmente no que se refere à utilização de metodologias que valorizem o lúdico como instrumento de aprendizagem. O professor precisa estar preparado para atuar como mediador, compreendendo o desenvolvimento infantil e propondo atividades

que estimulem a construção do conhecimento de forma significativa (SILVA et al., 2025, p. 3).

Essa perspectiva evidencia que a formação docente precisa ser articulada à prática pedagógica, possibilitando que o professor desenvolva competências que o auxiliem a enfrentar os desafios do cotidiano escolar. No entanto, observa-se que muitos docentes ainda apresentam dificuldades em integrar o lúdico ao processo de ensino-aprendizagem, o que revela lacunas na formação inicial e na oferta de formação continuada (SILVA, 2025).

Entre os principais desafios enfrentados pelos professores, destaca-se a compreensão equivocada do papel do lúdico na educação. Em muitos casos, as atividades lúdicas são vistas apenas como momentos de recreação, desvinculados dos objetivos pedagógicos. Essa visão limita o potencial do brincar como ferramenta de aprendizagem, dificultando sua utilização de forma intencional e planejada (SANTOS, 2025).

A esse respeito, destaca-se que:

Um dos principais desafios da prática docente está na superação da visão tradicional que considera o brincar apenas como entretenimento. Para que o lúdico seja efetivamente incorporado ao processo educativo, é necessário que o professor compreenda sua importância para o desenvolvimento integral da criança e seja capaz de planejar atividades que articulem o prazer de brincar com os objetivos de aprendizagem (SANTOS, 2025, p. 4).

Outro desafio significativo refere-se à falta de formação específica para o uso de metodologias lúdicas. Muitos professores não tiveram, em sua formação inicial, oportunidades de estudar e vivenciar práticas que integrem o lúdico ao ensino. Como consequência, sentem-se inseguros para aplicar essas estratégias em sala de aula, o que pode levar à sua subutilização (DELFINO et al., 2025).

Além disso, a sobrecarga de trabalho e as condições precárias de atuação também impactam a prática docente. A falta de tempo para planejamento, a escassez de recursos didáticos e o grande número de alunos por turma dificultam a implementação de atividades lúdicas de forma adequada. Esses fatores evidenciam que os desafios enfrentados pelos professores não são apenas individuais, mas também estruturais (SILVA et al., 2025).

A formação continuada surge, nesse contexto, como uma estratégia

fundamental para o enfrentamento desses desafios. Por meio de cursos, oficinas e momentos de reflexão coletiva, os professores podem ampliar seus conhecimentos, compartilhar experiências e desenvolver novas práticas pedagógicas. A formação continuada possibilita, ainda, a atualização dos docentes em relação às novas abordagens educacionais, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino (SILVA, 2025).

Nesse sentido, ressalta-se que:

A formação continuada é essencial para o desenvolvimento profissional dos professores, pois permite a atualização de conhecimentos e a reflexão sobre a prática pedagógica. No que se refere às atividades lúdicas, essa formação deve proporcionar experiências que possibilitem ao docente compreender o potencial educativo do brincar e desenvolver estratégias para sua aplicação no contexto escolar (SILVA et al., 2025, p. 4).

Outro aspecto importante da formação docente refere-se à necessidade de desenvolver uma postura reflexiva. O professor precisa ser capaz de analisar sua prática, identificar suas dificuldades e buscar alternativas para superá-las. Essa reflexão é fundamental para o aprimoramento contínuo da prática pedagógica e para a construção de uma educação mais significativa (DELFINO et al., 2025).

A mediação pedagógica, nesse contexto, exige do professor sensibilidade para compreender as necessidades dos alunos e flexibilidade para adaptar suas práticas. Cada turma apresenta características específicas, o que demanda do docente a capacidade de ajustar suas estratégias conforme o contexto. Essa adaptação é essencial para garantir que todos os alunos tenham acesso às oportunidades de aprendizagem (SANTOS, 2025).

Ademais, a formação docente deve contemplar o desenvolvimento de competências socioemocionais, que são fundamentais para a atuação do professor. A empatia, a escuta ativa e a capacidade de estabelecer relações de confiança com os alunos são elementos essenciais para a construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante (SILVA, 2025).

Configura-se, também, como um obstáculo relevante à integração entre teoria e prática. Muitas vezes, os conhecimentos adquiridos na formação inicial não são suficientes para lidar com as demandas do cotidiano escolar, o que evidencia a necessidade de uma formação mais articulada à realidade da sala de aula. Nesse

sentido, destaca-se que:

A formação docente precisa superar a dicotomia entre teoria e prática, promovendo uma articulação que permita ao professor compreender como aplicar os conhecimentos teóricos em situações concretas. No caso das práticas lúdicas, essa integração é fundamental para que o docente possa planejar e mediar atividades de forma consciente e eficaz (SILVA et al., 2025, p. 5).

A utilização de recursos didáticos também representa um desafio para muitos professores. Embora o lúdico possa ser desenvolvido com materiais simples, a falta de criatividade ou de conhecimento sobre diferentes estratégias pode limitar sua aplicação. Nesse sentido, a formação docente deve incentivar a exploração de diferentes recursos e metodologias, ampliando as possibilidades de atuação do professor (SANTOS, 2025).

Paralelamente a essa questão é importante referir-se à avaliação da aprendizagem. Muitos professores ainda adotam práticas avaliativas tradicionais, que não consideram o processo de aprendizagem desenvolvido por meio das atividades lúdicas. É necessário repensar essas práticas, adotando uma avaliação formativa que valorize as experiências e o desenvolvimento dos alunos (DELFINO et al., 2025).

Nesse contexto, destaca-se que:

A avaliação das práticas lúdicas deve considerar não apenas os resultados, mas todo o processo de aprendizagem, valorizando as interações, as descobertas e o desenvolvimento das habilidades das crianças. O professor, ao adotar uma postura avaliativa formativa, contribui para a construção de uma educação mais significativa e inclusiva (SANTOS, 2025, p. 5).

A inclusão é outro aspecto que demanda atenção na formação docente. O professor precisa estar preparado para atender à diversidade presente em sala de aula, adaptando suas práticas às necessidades dos alunos. O lúdico, nesse contexto, se apresenta como uma ferramenta importante para promover a inclusão, uma vez que permite a participação de todos de forma ativa e significativa (SILVA et al., 2025).

Em complemento a essa ideia, a formação docente deve incentivar o trabalho colaborativo, promovendo a troca de experiências entre os professores. Esse compartilhamento é fundamental para o desenvolvimento profissional, pois permite que os docentes aprendam uns com os outros e construam coletivamente novas práticas pedagógicas (SILVA, 2025).

Depara-se, ainda, com a problemática da valorização da profissão docente. A falta de reconhecimento social e as condições de trabalho muitas vezes precárias impactam a motivação dos professores, refletindo em sua prática pedagógica. É necessário investir na valorização da carreira docente, garantindo melhores condições de trabalho e oportunidades de formação (DELFINO et al., 2025).

A tecnologia também se apresenta como um desafio e uma oportunidade para a formação docente. O uso de recursos digitais pode enriquecer as práticas pedagógicas, tornando-as mais dinâmicas e atrativas. No entanto, é necessário que o professor esteja preparado para utilizar essas ferramentas de forma consciente e alinhada aos objetivos pedagógicos (SANTOS, 2025).

Nesse sentido, ressalta-se que:

A incorporação das tecnologias digitais às práticas pedagógicas requer formação específica, de modo que o professor possa utilizá-las de forma crítica e reflexiva. No contexto das atividades lúdicas, essas ferramentas podem ampliar as possibilidades de aprendizagem, desde que sejam utilizadas de maneira intencional e planejada (SILVA et al., 2025, p. 6).

Por fim, destaca-se que a formação docente é um processo contínuo, que se constrói ao longo da carreira profissional. Os desafios enfrentados pelos professores exigem uma postura de constante aprendizagem e adaptação, sendo fundamental que o docente esteja aberto a novas experiências e disposto a refletir sobre sua prática (SILVA, 2025).

Dessa forma, a formação docente e os desafios a ela relacionados evidenciam a necessidade de investimentos na qualificação dos professores, bem como na melhoria das condições de trabalho. Ao desenvolver competências que permitam a mediação do lúdico de forma intencional, o professor contribui para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e humanizada, capaz de promover o desenvolvimento integral das crianças (SANTOS, 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho possibilitou compreender a ludicidade como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança, evidenciando que o brincar ultrapassa a ideia de entretenimento e assume papel significativo no processo de aprendizagem, socialização e construção da autonomia infantil. Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que as práticas lúdicas contribuem diretamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional, físico, social e afetivo, favorecendo experiências que auxiliam a criança na compreensão do mundo e na construção de conhecimentos de maneira mais significativa. Conforme discutido durante o estudo, a ludicidade constitui uma linguagem própria da infância e, por esse motivo, deve ocupar espaço central nas práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (KISHIMOTO, 2011).

Nesse sentido, os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que o estudo permitiu analisar a importância do brincar no desenvolvimento infantil, além de refletir sobre o papel do professor enquanto mediador das experiências lúdicas no ambiente escolar. Durante a investigação, observou-se que o brincar favorece não apenas a aprendizagem de conteúdos escolares, mas também a formação humana da criança, estimulando a criatividade, a imaginação, a comunicação, a autonomia e a convivência social. Dessa forma, compreender a ludicidade como prática pedagógica significa reconhecer a criança como sujeito ativo do processo educativo, respeitando suas particularidades, interesses e formas próprias de aprender (BRASIL, 2017).

As contribuições teóricas de Vygotsky, Piaget e Kishimoto foram fundamentais para a construção das reflexões apresentadas neste trabalho, principalmente por evidenciarem que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando a criança participa ativamente das experiências educativas. Vygotsky (1998) compreende o brincar como elemento indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, destacando que, por meio das interações sociais e da imaginação, a criança consegue ampliar suas capacidades cognitivas e emocionais. Nesse aspecto, o autor afirma:

A brincadeira cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar relacionando seus desejos a um 'eu' fictício, ao seu papel no jogo e suas

regras. Dessa maneira, as maiores aquisições da criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moral (VYGOTSKY, 1998, p. 134).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o brincar possui papel fundamental na formação infantil, pois permite que a criança desenvolva capacidades relacionadas à imaginação, à autonomia, à resolução de problemas e à convivência social. O brincar não representa apenas um momento de diversão, mas uma experiência rica em significados, capaz de favorecer o desenvolvimento integral da criança e ampliar suas possibilidades de aprendizagem.

Além disso, Piaget (1976) destaca que o jogo simbólico exerce influência direta na formação do pensamento e da inteligência infantil, permitindo que a criança reorganize suas experiências e atribua novos significados à realidade. Para o autor, a atividade lúdica auxilia no desenvolvimento das estruturas cognitivas, favorecendo a assimilação e a acomodação dos conhecimentos construídos ao longo da infância. Nesse contexto, o brincar torna-se indispensável para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e sociais da criança, fortalecendo sua autonomia e participação ativa no processo educativo.

Outro aspecto relevante identificado durante a pesquisa refere-se à necessidade de valorização das práticas pedagógicas lúdicas dentro do ambiente escolar. Apesar dos avanços teóricos e legais relacionados à infância, ainda é possível perceber que muitas instituições de ensino mantêm metodologias tradicionais, excessivamente conteudistas e pouco sensíveis às especificidades das crianças. Em diversos contextos, o brincar continua sendo tratado como atividade secundária, desvinculada dos objetivos pedagógicos e limitada aos momentos de recreação. Sobre isso, Kishimoto (2011, p. 37) ressalta:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, qualquer jogo empregado pela escola aparece sempre com duas funções: a lúdica e a educativa.

Essa reflexão evidencia que a ludicidade não deve ser compreendida como oposta à aprendizagem, mas como parte constitutiva do processo educativo. A utilização de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas possibilita a construção de ambientes mais acolhedores, participativos e significativos, nos quais a criança se

sente estimulada a aprender de maneira espontânea e prazerosa. Assim, o professor assume papel fundamental como mediador das experiências educativas, sendo responsável por planejar práticas pedagógicas intencionais que valorizem o brincar como instrumento de desenvolvimento humano.

A pesquisa também permitiu compreender que a formação docente representa um dos principais fatores para a efetivação de práticas pedagógicas lúdicas no contexto escolar. Muitos professores ainda enfrentam dificuldades relacionadas à ausência de formação específica, à falta de recursos pedagógicos e às exigências de currículos excessivamente conteudistas, fatores que acabam limitando a utilização do brincar nas práticas educativas. Nesse sentido, torna-se necessário ampliar os investimentos em formação continuada, possibilitando que os profissionais da educação compreendam a importância da ludicidade e desenvolvam metodologias mais humanizadas e coerentes com as necessidades da infância (SANTOS et al., 2022).

Outro ponto importante identificado neste estudo refere-se ao reconhecimento da criança como sujeito de direitos. A Base Nacional Comum Curricular estabelece que o brincar constitui um dos direitos de aprendizagem da Educação Infantil, devendo estar presente de maneira intencional em toda a rotina escolar (BRASIL, 2017). Isso significa que a ludicidade não pode ser vista apenas como complemento das atividades pedagógicas, mas como elemento central para a construção de aprendizagens significativas e para o desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, valorizar o brincar significa também respeitar a infância e garantir condições para que as crianças vivenciem experiências educativas mais acolhedoras, criativas e participativas.

A realização deste trabalho mostrou-se relevante não apenas no âmbito acadêmico, mas também social e educacional, uma vez que possibilitou ampliar as reflexões sobre a importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem. Discutir o brincar no contexto escolar significa defender uma educação mais humana, inclusiva e sensível às necessidades infantis, reconhecendo que a criança aprende por meio das experiências, das interações e da imaginação. Além disso, a pesquisa contribui para o fortalecimento de debates relacionados à valorização da infância e à necessidade de práticas pedagógicas que respeitem os tempos e as singularidades

das crianças (FLORINDO et al., 2024).

É importante destacar ainda que esta pesquisa não encerra as discussões acerca da ludicidade e do desenvolvimento infantil. Pelo contrário, o estudo evidencia a necessidade de novas investigações que aprofundem diferentes aspectos relacionados ao brincar no contexto educacional. Pesquisas futuras podem abordar, por exemplo, a utilização das práticas lúdicas na inclusão escolar, os impactos das tecnologias digitais sobre o brincar infantil, a ludicidade no processo de alfabetização, a formação docente para o trabalho com atividades lúdicas e os desafios enfrentados pelas escolas públicas na implementação de práticas pedagógicas mais interativas e participativas.

Conforme ressaltam Kishimoto (2011) e Vygotsky (1998), o brincar está diretamente relacionado aos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano, tornando-se necessário ampliar constantemente os estudos sobre suas contribuições no contexto educacional contemporâneo. Também se torna relevante a realização de estudos de campo que investiguem a percepção de professores, crianças e famílias acerca da importância da ludicidade no desenvolvimento infantil, possibilitando compreender como o brincar vem sendo vivenciado nos diferentes contextos educacionais. Além disso, futuras pesquisas podem analisar as contribuições das brincadeiras tradicionais, da cultura popular e das atividades recreativas para a construção das identidades infantis e para o fortalecimento das relações sociais no ambiente escolar.

Segundo Piaget (1976), as experiências lúdicas favorecem o desenvolvimento da inteligência e da autonomia infantil, enquanto a Base Nacional Comum Curricular reforça que o brincar constitui um direito de aprendizagem indispensável na Educação Infantil (BRASIL, 2017).

Portanto, conclui-se que a ludicidade constitui elemento indispensável para o desenvolvimento integral da criança, sendo essencial para a aprendizagem, para a socialização e para a construção da autonomia infantil. O brincar representa uma necessidade própria da infância e deve ser valorizado como prática pedagógica significativa dentro das instituições de ensino. Assim, espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento de práticas educativas mais humanizadas, criativas e

inclusivas, incentivando professores, pesquisadores e profissionais da educação a reconhecerem a importância do brincar na formação das crianças e na construção de uma educação mais sensível às necessidades humanas. Nessa perspectiva, Santos et al. (2022) afirmam que práticas pedagógicas fundamentadas na ludicidade favorecem aprendizagens mais significativas, participativas e coerentes com as especificidades da infância.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Kelly Sousa et al.** O poder transformador da ludicidade no desenvolvimento infantil: das brincadeiras às competências e habilidades. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, Aquidauana, v. 4, n. 16, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/22472>. Acesso em: 2 abr. 2026.
- BRASIL.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação.** *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.
- DELFINO, Ana Paula et al.** O PIBID e a formação docente: contribuições para a prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. 2025.
- FLORINDO, Alex Eduardo et al.** O poder transformador da ludicidade no desenvolvimento infantil: das brincadeiras às competências e habilidades. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, Aquidauana, v. 4, n. 16, 2024.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida.** *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LIMA, Joseli Maria Silva de.** O papel da ludicidade como ferramenta pedagógica na educação infantil. *Revista Educação Contemporânea*, v. 2, n. 2, p. 917–922, 2025. Disponível em: Zenodo. Acesso em: 7 abr. 2026.
- LIRA, Larissa Gabriele; MENDONÇA, Francisco Cardoso.** A importância do brincar no desenvolvimento infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 11, n. 12, p. 4590–4594, 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza.** *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NASCIMENTO, Cleci Fernandes do et al.** A ludicidade na educação infantil como motivador da aprendizagem. *Revista Científica*, v. 5, n. 2, p. 546–562, 2025.
- NEGRINE, Airton.** *Aprendizagem e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Propil, 1994.
- PIAGET, Jean.** *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: LTC, 1976.
- PONTE NETA, Autaci Ribeiro da et al.** Ludicidade e afetividade no desenvolvimento da criança na educação infantil. *Revista ComCiência*, v. 11, n. 15, 2025.
- PONTES, Maria José Guedes.** A relevância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso

(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

SALOMÃO, Heloisa; MARTINI, Maria Lúcia. A importância do lúdico no desenvolvimento infantil. 2007.

SANTOS, Ana Quinô dos. O papel do educador na mediação das atividades lúdicas na educação infantil. *International Integralize Scientific*, v. 5, n. 53, nov. 2025. DOI: 10.63391/t4ht7775.

SANTOS, Maria das Graças. Práticas pedagógicas inclusivas e o uso do lúdico no desenvolvimento infantil. 2025.

SANTOS, Rosiane de Oliveira da Fonseca et al. O lúdico e as metodologias ativas: uma leitura da teoria da aprendizagem de Vygotsky na educação infantil. *Revista Educação Pública*, 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>. Acesso em: 2 abr. 2026.

SILVA, Bringel Soares da. O papel das práticas lúdicas escolares (jogos e brincadeiras) no desenvolvimento cognitivo e socioemocional de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. 2025.

SILVA, Carolina Mendes da; BRITO, Laura Annyelba Macedo de. A relevância da ludicidade no desenvolvimento infantil. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, Barra do Garças, MT, v. 17, n. 2, p. 191–196, 2025.

SILVA, João Carlos et al. A mediação pedagógica e o uso do lúdico no processo de ensino-aprendizagem. 2025.

SILVA, João Paulo da. A ludicidade como prática pedagógica na Educação Infantil: desafios e possibilidades. Trabalho acadêmico (Graduação em Pedagogia), 2025.

SILVA, João Paulo da; SOUZA, Larissa Martins; CARVALHO, Renata Silva. Práticas lúdicas e mediação pedagógica na Educação Infantil. Trabalho acadêmico (Graduação em Pedagogia), 2025.

SOUZA, Evaldo Roberto de; VIEIRA, Ritiele Parla Marin Trindade; PANUCCI, Luci. A importância da ludicidade como ferramenta na educação infantil. *FuturaMente Revista Científica*, Pereira Barreto, SP, v. 1, p. 1–17, 2024.

TEIXEIRA, Aline Supriano; SILVA, Katia Regina Cardoso da. A ludicidade como caminho para a construção do conhecimento no Pré I da educação infantil. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 1–14, 2026.

TEIXEIRA, Vera Lúcia Macedo de Oliveira; CAMPOS, Tiago Aparecido de Melo; CARVALHO, Livia de Oliveira Teixeira Dias. A importância do lúdico no desenvolvimento infantil. *Revista FACISA On-line*, v. 13, n. 1, p. 42–51, 2025.

VICENTE, Vanessa de Lima et al. (org.). *Temáticas educacionais e as atuações pedagógicas na atualidade: estudos selecionados*. 1. ed. São Bento, PB: Editora Acadêmica Universa – Sucesso EAD, 2026.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.